

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 26 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 78.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL
Questão grammatical —	
Carta de.....	FACHECO JUNIOR.
Crianças!.....	G. GAMA.
Jornaes e revistas.....	M. V.
Parenthèses de luz, soneto	J. DE ARAUJO.
Casos patuscos.....	FISCHIO.
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Serenada, poesia.....	ALBERTO SILVA.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Antes da missa.....	L. G. D. ESTRADA
Carnaval da historia.....	P. VEHON.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Dupla aurora, soneto....	B. DE OLIVEIRA.
Gazetilha litteraria.....	V.
Sport.....	
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'A *Semana*, a 500 réis.

Foi exonerado do cargo de agente geral d'esta folha o Sr. Leonei Ayres Guerra, que se acha actualmente em S. Paulo.

A esse nosso ex-agente foram retirados todos os poderes que lhe haviamos dado para nos representar fora da capital do imperio.

D'ora avante devem os Srs. sub-agentes e todas as pessoas que tiverem negocios com esta folha dirigir-se directamente ao gerente.

Sr. Mendonça Junior — S. Paulo. — Queira dizer-nos todo o seu nome, porque temos nessa capital mais de um assignante com os mesmos appellidos de V. S. A sua carta é laconica em phrases mas, em compensação, abundante em dinheiro, o que lhe agradecemos. Infelizmente, sem elucidarmos

qual foi o Mendonça Junior que nol-o enviou, não poderemos extrahir o respectivo recibo.

Resolvemos suspender, do proximo numero em diante, a remessa d'A *Semana* a todas as folhas que — do imperio como do Estrangeiro — comnoseo não o têm permutado.

Remettel-a-emos, porém, a todos os collegas novos que nos honrarem com a sua visita e aos antigos que comnoseo entrarem a permutar.

Aos senhores assignantes em atrazo que até 31 de Julho proximo não saldarem os seus débitos será suspensa a remessa da folha, irremissivelmente.

«VINTE CONTOS»

Ha dez mezes annueiçou *A Semana* que daria como premio aos seus assignantes de anno um exemplar de um novo livro do director d'esta folha, livro intitulado *Vinte Contos* e que já estava no prélo. Entretanto, até hoje não foi cumprida ta. promessa, sem que, comtudo, deixassemos de continuar a fazel-a.

Muitos dos Srs. assignantes devem ter julgado isso uma péta, armala, como cavilosa arapuca, para apanhar assignantes.

E não seremos nós quem lhes diga não terem razão para estarem zangados. Mas tambem nós as temos tido para, de modo tão estranhavel, deixar em aberto promessa, ha tanto tempo feita.

Uma d'ellas, a principal, é que o livro tem sido composto na officina da folha. Ora esta apenas tem elementos para dar pontualmente, todos os sabbados, *A Semana*, e o encargo da publicação do livro, que não é pequeno, veio asoberbal-a de modo não previsto.

D'ahi a excessiva demora que têm tido os *Vinte Contos* em saltar do nosso modesto prélo para as mãos impacientes dos nossos queridos assignantes.

Mas hoje podemos felizmente dizer-lhes, muito séria e cathegoricamente, que— até o dia 15 DE JULHO, o mais tarde, deverá começar a entrega e remessa de um exemplar do livro de Valentim Magalhães VINTE CONTOS a todos aquelles senhores que, tendo tomado uma assignatura annual, por todo o anno de 1885 ou de 1886, e não tendo recebido anteriormente outro

premio, e não estando em débito com a empreza, nos remetterem a importancia de 200 reis (ou o sello correspondente) para o porte postal, ou que vierem reclamar o dito premio ao nosso escriptorio.

Terá tambem direito ao referido livro quem tomar uma assignatura de anno, de Julio d'este a Junho do porvindouro.

A obra não será pósta à venda.

Perderá o direito do receber-a o assignante que até 30 de setembro do corrente não nos tiver remittido o sello ou a importancia do porte, ou não tiver vindo reclamar-a do gerente.

Para evitar equivoocos, aliás pouco explicaveis, mais uma vez declaramos que somente são considerados assignantes de anno— e como taes crédores do dito premio— os cavalheiros que houverem tomado assignatura de um anno, e não os que hajam reformado suas assignaturas de trimestre ou semestre durante um anno.

Isto posto, somente nos resta pedir desculpas aos nossos caros assignantes annuaes da involuntaria, embora excessiva, demora, e que, já agora, tenham a sancta paciencia de esperar até o dia 15 do futuro mez.

A EMPREZA

A SEMANA

A lista, já numerosa, dos nossos collaboradores juncta-se agora mais um, de quem *A Semana* tem muito a esperar.

E' Garcia Monteiro, o actual correspondente da *Gazeta de Noticias* nos Estados Unidos.

Encetará a sua collaboração em nossa folha com *O cura*, magnifico poemeto em endecassylabos, que faz parte de um seu livro de versos que será brevemente publicado no Porto por Joaquim de Araujo, o applaudido poeta da *Lyra Intima*, dedicado amigo de Garcia Monteiro.

Daremos *O cura* no proximo numero, se nos for possivel.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Estamos em plena ebulição artistica. Sarah Bernhardt enche com o seu enorme talento o vasto palco do S. Pedro; hontem estreiou-se com a *Aida*, no D. Pedro II, a companhia lyrica italiana dirigida pelo scenographo Claudio Rossi, e deve estreiar-se hoje no Recreio a companhia dramatica portugueza do theatro D. Maria II. Parece-nos que

no Rio de Janeiro nunca houve num mesmo anno tantas novidades theatraes e de tal vulto. A companhia Sarah Bernhardt está julgada; resta-nos julgar a companhia portugueza e a lyrica italiana. De ambas, porém, são assás lisongeiras as noticias que temos. Vamos gosar noites verdadeiramente deliciosas, no doce e suavissimo encantamento da Arte, a grande, a nobre, a eterna consoladora das agrurass da vida! Eia, leitores! E' preparar os *cobres* para os bilhetes e as mãos para os applausos.

Ora graças á Providencia divina, que já temos um escandalo digno, pelo menos, de nota, se á nossa policia não approuver julgal o digno de outra qualquer coisa. Já o leitor, com a sua perspicacia esmiuçadora, adivinhou que nos referimos ao conflicto Noirmont—Sarah—Garnier—Maurice Bernhardt!

Pois acertou, Sr. pio, benevolo ou querido leitor. E notar-lhe-ei, de passagem, que muito temos que agradecer aos heroes d'este conflicto:

O marasmo e o quietismo invadiram a nossa cidade, pacata entre as pacatas. Foi preciso que viesse um denodado grupo de estrangeiros, mais ou menos illustres, insuflar um pouco de vida á nossa capital morta.

A comedia d'este caso já se distendeu por tres actos... de heroismo: Acto 1.º Na caixa do S. Pedro— Aggressão de Sarah Bernhardt por Mme. Noirmont. A offensora, segundo a narração de alguns jornaes, depois da aggressão, é offendida por sua vez, com a circumstancia aggravante de o ser de encontro a uma parede, posição bastante inconveniente para uma dama que não queira furtar-se ás confabulações da malicia. Este acto terminou na estação de policia da rua do Hospicio.—Acto 2.º Scena I, no palco do mesmo theatro: insultos soprados em voz de *ponto* a Adrienne Lecouvreur. Scena II, na caixa: aggressão de Mme. Noirmont por Sarah Bernhardt; esta chicoteia aquella no rosto, e, em seguida, vem morrer desesperadamente no 5.º acto da *Adrienne*, envenenada pelo perfume das flores da princeza de Bouillon. Intervem a auctoridade; nada faz por não haver flagrante: volta tranquilla para o camarote da policia. O Mundo applaude.—Acto 3.º— na rua do theatro.— Varios auctores, isto é— varios jornaes affirmam que Mme. Noirmont é agredida e esbordada pelo joven Mauricio e pelo secretario de Mme. Sarah; opinam outros que foi Mme. Noirmont quem agrediu com um guarda-chuva os dois cavalheiros, dizendo que havia de esbofetear a todos que, na noite do conflicto do acto 1.º, a maltractaram de encontro á tal parede da já notada inconveniencia. Aqui a critica pôle objectar que só a uma senhora franceza occorreria a idéa de se servir de um guarda-chuva para *esbofetear* alguém.

Agora, para o quarto acto, diz-se que ha dois processos interessantes em perspectiva. Do quinto acto é que nada se sabe por enquanto, mas é de esperar que se venha a saber muita coisa.

Nos cá estamos, apercebidos das nossas melhores gargalhadas, para applaudir os arrojos d'estes distinctos artistas. Bom será que esta comedia, até hoje incruenta, não degenerere em tragedia, porque entre nós não será facil encontrar quem a ponha em bons versos francezes.

Pois, senhores, se o mundo se acabou não o parece. Isto hoje está como ante-hontem. A redacção d'*A Semana* cá está ainda no predio nº 36 da rua do Carmo;

o infatigavel gerente G. Cabral lá está na outra sala a receber o *cobre* das assignaturas, pela mesma barateza de oito mil réis por anno, que é uma dor d'alma, e ainda com direito a um premio precioso... Tudo nos mesmos logares, com o mesmo aspecto anterior, na marcha monotonica da antiga regularidade. Só o que houve de extraordinario foi a publicação de mais um supplemento d'*A Semana*, a mais interessante folha litteraria que se publica na America do Sul. Este facto causou um certo abalo na população; mas esse abalo passou com a amenidade da leitura.

E, entretanto, estava prophetisado e anunciado para quinta-feira o fim do mundo!

Esta calamidade, atirada aos povos por um aruspice ou áugur de meia tigella, vingára calar, mais do que se pensa, no animo fraco do populacho ignorante; o terror do fim reforçara-o a repetida apparição de cometas e o recente tremor de terra, sentido em varias localidades da provincia do Rio. Macrobios amigos disseram-se entre lagrymas o derradeiro adeus, e namorados sem ventura trocaram sorridentes o ultimo beijo,— felizes por deixarem para sempre este val de desgraças, onde os paes tyrannos têm bengalas e os amantes sem ventura tem costas mais sensiveis que os corações.

Eu, por mim, como sei que hei-de morrer, mais dia menos dia,— porque esta *historia dos sete dias* hade-me acabar com a carcassa—já estava a impar de satisfação por ir deixar de ser roido pelo diabo negro da duvida, e já tinha combinado com o José do Egypto, com o Talma e com outros rapazes cá do peito um programma de ultima hora, digno de ser impresso em letras d'ouiro, como um *menu* para paroxismos.

Nos iamos banquetear-nos opiparamente, ali ao *Louvre* ou ao *Bragança*; procediamos em seguida á execução de todas as agradaveis coisas a que o mundo chama *lucurias da mocidade*... e depois viriamos todos morrer de sucia, aqui no escriptorio, lendo os mais bellos versos do Camões, do Dante, do Shakespeare, do Molière, do Hugo e de outros grandes poetas, antigos e modernos. Não nos foi dada, porém, esta suprema ventura. Todos burlados, nos e o publico. Felizmente não chegámos a fazer a despeza do banquete...

Agora, Nostradamus que caia na asneira de nos apparecer— corremol-o a cachações.

Ante-hontem, com o ceremonial do estylo, sahio a procissão de *Corpus Christi*. Este prolongamento ridiculo do carnavalesco tinha o seu principal atractivo na marcial e imponente figura do São Jorge de latão, atarrachado ao silhão de um rossim quixotesco, bamboleando-se automaticamente de traz para deante e da esquerda para a direita, em harmonia com os passos do bruto. Agora, sem o veneravel e patusco padroeiro de Inglaterra, a procissão referida tornou-se um espectáculo chocho e sem encanto de especie alguma. Acompanharam-na seis irmandades e tres ordens terceiras, que formavam, com a tropa e a padaria, um prestito numeroso mas pouco brilhante. Para estas patuscadas eu prefiro os Democraticos e os Tenentes do Diabo.

Os jornaes de hontem publicaram a promoção dada pelo Dr. Ed. Teixeira de Carvalho Durão, 1.º promotor publico, no processo instaurado contra Francisca da Silva Castro. E' uma peça de extraordinaria importancia, que mi-

tissimo honra o joven 1.º promotor publico da Corte. Na impossibilidade em que estamos de a transcrever n'*A Semana* por ser assás longa, recommendamos a sua leitura a todos que se interessam por estas coisas da Justiça, maxime, quando se tracta de crimes como do da accusada.

A promoção termina com este periodo:

« Opinando pela pronuncia da ré nos arts. 193 e 205 do codigo, attendemos aos interesses da humanidade e aos da Justiça. »

Applaudimos sinceramente o Dr. Eduardo Durão pelo seu importantissimo trabalho, a um tempo prova de interessado estudo do processo e de independencia de caracter.

Até sabbado.

FILINDAL

QUESTÃO GRAMMATICAL

(Vide o n. 77 d'*A Semana*)

Do illustre philologo Pacheco Junior recebeu o director d'esta folha a carta que em seguida publicamos com todo o prazer. Aguardamos agora o parecer das outras auctoridades para que appellamos e tambem o do *appellado*, o nosso eminente collaborador Machado de Assis.

Eis a carta:

« Respondo á pergunta d'*A Semana*, pelo muito que te prezo e não por sentir-me ainda beliscado pelo gosto ás polemicas, que hoje terminam sempre no desembestamento selvagem de adjectivos percucientes, epithetos em recova e genialmente plebeos.

« Feliz aquelle a quem so atrellam o cognomento de *besta*, e cujo contendor, depois de desafogar a raiva com desaforos o diatribes, não lhe esmecha o craneo ou visita as costas com um latego mais contundente que o das laraxas.

« Venhamos porém ao caso. Pedes a minha opinião sobre a tal *questão grammatical*: dar-t'a-hei francamente, posto o meu obscurantismo faça grande contraste com os nomes arrolados na tua caravana philologica.

« No latim, sempre o verbo concorda com o sujeito que tem prioridade, e ainda trago grudado no cerebro um exemplo excerptado de Cicero:—*Si TU et Tullia VALETIS, EGO et suavissimus Cicero VALEMUS*.

« Si do tronco, alongarmos os olhos pelos galhos esnocados, veremos no francez, hespanhol, italiano, portuguez, a regra tambem a regeitar inflexa as phrases do nosso Machado de Assis—*tu e o medico são dous empulhadores, o medico e tu são dous mariolas*.

« E' uma invenção que os *neo-grammaticos* explicam por um acrobatismo. Obtemperam elles que á pergunta—*quem são os dous pulhas?* a resposta—*tu e o medico* inclue o verbo *são*, do mesmo modo que se diz—*fui eu quem* QUEBROU, etc... :

« Quasi desquadrilhei de riso quando ouvi a um collega nosso esta explicação, dada com tanta seriedade que me pareceu pathologica.

Redargui todavia que então tambem deviamos dizer—*tu e eu são, elle e nós são*... Entaramelou-se a lingua ao nosso philologo, que entrou depois a corcovear pela theoria evolutiva e synthese subjectiva de Aug. Comte com tão exagerado estherismo, que de todo perdi o fio da discussão.

« Ao passo que os proselytos enleados pelo nosso festejado folhetinista assim defendem o nooterismo com taes dislates, os mestres e aprendizes philologos berram contra o destempero grammatical e juram cortar os voadouros ao neologismo indisciplinado, para que se não torne a escrophula hereditaria.

« *Dura lex, sed lex*: não devemos refugar ao cabresto da disciplina grammatical, cujo fundamento é a logica, cumprindo outrosim advertir que a syntaxe particular, com quanto mais pertença ao dominio da esthetica ou da rhetorica, acha-se todavia subordinada á syntaxe geral, e é d'ella corollario.

« Tenho, porém, para mim que Machado de Assis não toscanejou.

« Nas phrases supracitadas, o verbo deve ir para a 2ª pessoa do plural, porque *tu+elle = vós*, i. e., subentende-se o pronome da 2ª pessoa do plural, que em francez emprega-se claramente: — *Le docteur et toi vous êtes deux belitres marouffes...*

« Mas no portuguez (é aqui que bate o ponto), esse pronome foi supplantado na linguagem familiar e popular pela forma engorovinhada, atrophiada, — *você*; e si *vós* pede o verbo na 2ª pessoa do plural, *voçês* obriga-o á 3ª (*voçês, tu e o medico, são dous malandrins; tu e o medico, voçês ambos, são dous trocistas*).

« Machado de Assis não entrou ainda para a grande enfermaria dos philologos, mas incontestavelmente escreve com correcção e logica.

Isto é o que se chama metter em paz amantes desavindos, e sempre apuramado no despalante cathedratico e de membro fundador do Instituto Philologico!

« Peziste-me duas linhas; mando-te duas folhas. Desculpa o palavrorio, e aceita um aperto de mão do—teu amigo affeçoado e sincero admirador,

PACHECO JUNIOR.»

CRIANÇAS!

Como a rosa a que pezessem azas ou avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, a pequena corre, estrada fóra, a buscar o remedio para a mãe que está doente.

Leva os olhitos vermelhos. Chorou muito ao pé da cama onde a pobre mãe soffre tanto! Mas ella disse-lhe: — Eu não te morro, filhinha. O remedio que vaes buscar dar-me-ha logo saude.

Oh! como ella irá depressa para que sua mãe lhe não morra! Leva os olhitos vermelhos e corre, corre pela estrada como rosa que a pozessem azas.

No caminho dá um suspiro: ai! como os passaritos cantam cá fóra e as borboletas brancas se beijam! Como o dia está bonito, tépido, florido, e o remedio que vaes buscar dará logo saude a sua mãe!

A aragem affaga-lhe o cabello, e como avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, corre, corre estrada fóra.

Lá deante encontra um amigo que, de sacca na mão, vaes choramingar, para a aula.

— Olé, diz ella.

— Olá, diz elle.

E contam as suas maguas. Ella tem

a mãe doente,—coitadinha! — Vaes pelo remedio á aldeia. Elle vaes para a escola onde o mestre, o Coxo, (ella conhece) o que tem oculos azues, dá palmatoas las e berra. E dizem ambos:

— Oh! que tristeza é a vida!

E por entre os dois infelizes passa uma borboleta iriada, espanejando as azas.

— Eh! Ih! Que linda!

Elle toma o chapéo, atira para o chão os livros, e zás-traz, corre, salta, apanha, apanha.

Ella poisa a garrafa, tira o lenço, pilha, pilha.

E lá vão os dois, bosque dentro, donde sae toda a manhã um alegre trinar de gargalhadas, porque só tarde se lembraram da mãe que espera o remedio e do Coxo, de oculos azuos, que dá palmatoadas e berra.

GUILHERME GAMA

JORNAES E REVISTAS

A *Gazeta de Noticias* publicou nos dias 21 e 22 do corrente o primeiro artigo do seu novo correspondente nos Estados Unidos — o Sr. Garcia Monteiro.

E' um joven poeta e prosador portuguez que ha alguns annos reside nos Estados Unidos, E' pouco conhecido por enquanto, mas a sua grande intelligencia, espirito observador e estylo agradável fal-o-o dentro em breve estimado pelos leitores da *Gazeta* e d' *A Semana*, onde começará a collaborar proximamente.

Trata nessa correspondencia o Sr. Garcia Monteiro da guerra ultimamente accendida na Federação Americana contra os chins, e da surda e crescente luta do trabalho com o capital. São mui sensatas as observações com que acompanha a narração dos factos, e expendidas em estylo facil e espirituoso.

Crêmos poder felicitar a *Gazeta de Noticias* pela aquisição do seu novo correspondente na União Americana, o qual, pelo que d'elle temos lido e sabemos, nos é extremamente sympathico.

Já não faz parte da redacção do *Diario de Noticias* o Sr. Paula Ney.

Pezames ao *Diario*.

A *Gazeta de Noticias* não pode dar o supplemento litterario que havia annunciado para o dia de S. João porque, segundo declarou, só lhe tinham sido remettidos contos e versos. Não desanime a *Gazeta*. Queira devêras publicar bons supplementos litterarios e dal-os-á magnificos. Bastará, para tal conseguir, que se dê o trabalho de — querer.

O *querer* é para a *Gazeta* o que é o *poder* para o Sr. Silveira Martins: — é poder.

Temos sobre a mesa o n. 11 da *Chronica Franco-Brazileira*.

Continúa a tratar criteriosa e profisientemente dos interesses brazileiros em França, em lingua franceza, e dos interesses francezes no Brazil, em portuguez.

Lopes Trovão e Alfredo Marc são competentissimos para o desempenho dessa tarefa, que, aliás, não é facil.

Com o proximo n. 12 terminará a *Chronica* o seu primeiro semestre.

A este respeito inserio a seguinte declaração.

«Com a proxima publicação do 12º numero, termina a *Chronica Franco-Brazileira* o seu primeiro semestre. Parece justo que, ao entrar no segundo semestre, procuremos saber com quantos assignantes nos é possível contar, d'entre os muitos cavalheiros a quem temos enviado ininterrompidamente o nosso quinzenario. Assim, seja-nos permittido pedir-lhes para se dirigirem n'este sentido aos Srs. Lombaerts & C.—*Chronica Franco-Brazileira* — F. Castelli, administrador—Lopes Trovão e Alfred Marc, redactores.»

PARENTHESSES DE LUZ

(V.)

Quando ella passa, tímida, hesitante,
Banhada a fronte num clarão bemdicto,
Vem até mim um echo murmurante,
Que não é d'este mundo em que eu habito.

Ao fulgor do seu pallido semblante
Sinto na alma como um infinito...
Meu doido coração, amplo e gigante,
Surge das trévas em que jaz proscripto.

Quando ella passa tímida, a meu lado,
Todo o aroma do candido passado
Palpita e brilha, rapido, fugace;

E as aves choram, tristes e saudosas
De quando vinham surprehender as rosas
Que lhe eu traçava no pallor da face...

9 de Abril de 1885.

JOAQUIM DE ARAUJO.

CASOS PATUSCOS

Para inferir da média do criterio com que a nossa apreçoada *élite* julga dos trabalhos artisticos contamos aos leitores os dois seguintes factos authenticos:

Um dos *habitués* do S. Pedro, convencido da propria autoridade artistica, em *grand tenue*, verberava os empresarios da *tournee* Sarah Bernhardt pela «pobresa franciscana» dos scenarios, lamentando que todos os cinco actos da *Phèdre* se representassem com o *mesmo* scenario.

S. S. ignora a famosa «unidade de logar» da tragedia grega e de quantas verdadeiras tragedias se escreveram ou possam escrever-se; ignora tambem que nas *matinées* do Theatre Francez os cinco actos de *Phèdre* são representados de fio a pavio, apenas com ligeiros momentos de descanso, erguendo-se o panno para o 1º acto e cahindo sómente depois do derradeiro.

O segundo caso é mais significativo ainda e muito mais engraçado.

Vão sentados num bond da *Fabrica* os Srs. Drs. Mattoso da Camara e Bulhões Carvalho (ambos deputados) e mais dois amigos, que não perderão pelos nomes.

Entre outras cousas diz Mattoso:

— Sabem? fui ver hontem a *Phèdre*.

— E então? perguntou-lhe Bulhões.

— Não desgostei. O Garnier—duro e berrador como o diabo.

— E a Sarah?—inquiriu Bulhões.

— Não andou mal,— respondeu, imperturbavel, Mattoso — mas declamou horrorosamente.

Não desmaies, leitor. Juramos te que o Exm. Sr. Dr. Mattoso da Camara, deputado geral pelo Espirito Santo, disse ao seu collega que Sarah Bernhardt DECLAMOU e HORROROSAMENTE na *Phèdre*.

Irrribus, Mattoso!

Verdade é que quem o conheça não se espantará, pois bem sabe que elle não é mais que um deputado, e que, em questões de arte não, passará nunca Mattoso da... Camara.

FISCHIO

AQUI, ALI, ACOLÁ

É provavel que já se tenha realisado na Academia Franceza a recepção de Leconte de Lisle, o successor de Hugo. Fora escolhido para pronunciar o discurso official Dumas filho.

O outro immortal, ultimamente eleito, Eduardo Hervé, devia ser recebido por Maxime du Camp.

Nos ultimos dias do mez passado devia ter tido lugar a inauguração da estatua de Lamartine, obra de Vasselot, sendo o pedestal do architecto Hardy.

Esperou-se que o prefeito do Senna consinta em que seja collocada no *square Spontini*, em frente do chalet em que morreu o auctor do *Jocelyn*, e que seja o seu nome dado ao dito *square*.

Excavações feitas recentemente na *Acropole de Athenas* deram a descoberta de seis estatuas de marmore mutiladas, de uma epocha anterior á de Phidias. Nenhum museu da Europa possuiemarmores d'esse periodo da arte grega.

O inventario dos papeis de V. Hugo acaba de dar lugar á descoberta de um drama do Mestre, *Deux jumeaux*, que se julgava perdido. Foi encontrado por A. Vacquerie, um dos testamentarios do poeta, com o titulo de *Comte Jean*, mas infelizmente incompleto, pois so foram achados tres actos d'essedrama, que devia ter quatro.

A subscrição aberta em França para a fundação do Instituto Pasteur attingia até 21 do mez passado 250,000 francos (mais de 100 contos) dos quaes 40 mil foram subscriptos pelo Banco de França. As nações visinhas vão associar-se a essa grande obra humanitaria.

PASSEPARTOUT

A SERENADA

A SOARES DE SOUSA JUNIOR

Das arcadas transparentes
Dos longes mundos ideaes
Sahe m visões resplendentes,
Immortals...
Da flauta nas notas de oiro,
Dansauo, libram-se em córo.

O firmamento está mudo,
Toda a terra é soli lão;
Ha escadas de velludo
Na auptidão;
E as visões, em brandas hordis,
Pisam do violão nas cordas.

E essas sombras de Julietas,
Que, á doce luz do luar,
Andam perdidas, inquietas,

Branças no ar,
Descansam as mãos de opalas
Da flauta sobre as escalas.

E os genios de horas nocturnas,
Que pra t ntar coraçõ s
Surgem das ignotas furnas,

Aos millhões,
Do violão nos sons afflantes
Falam aos tristes anantes.

Por sobre arcaes chrystallinos
Ha niveas tendas nos ceus;
De cherubins peregrinos
Louros veus...

E a flauta é a voz de uma fã la,
Da nite pelã calada...

Soluga o violão profundo...

Da flauta tremula sae
Um terno, dorido, fundo,
Saudoso ai...

E a seronada desperta
O valle e a mitta deserta.

Fala nuns palacios bellos
De diamantes a fulgir,
Onde anjos de aureos cabellos
Vão ferrir,
Dansando, rindo, ditosos,
Os mandolins mysteriosos.

E conta que ás horas mortis
Da noite, nos ceus azues,
Os anjos abrem-lhe as portas
A' ampla luz...
Que a lua é um lago de prata
Que infundos rios desafi...

Dos quaes as igneis estrellas
São os fulgidos bateis...
Rios de margens tão bellas,
Sem parceis!

Por onde os anjos, em bando,
Passam, resvalam cantando:

Mis que, se o sol resplandece
Taes palacios, nos seus mil
Bateis argentados vê-se
Lá, febril,
Dos anjos o povo lindo
Ir-se fugindo... fugindo...

Parara a flauta. Calou-se
O violão. De uns taquaraes
Subira um cantico doce
De sabias...

.....
Como uma ilha dourada
Surgiu al mã alvorada...

ALBERTO SILVA

COFRE DAS GRAÇAS

Henrique IV, avistando de uma das janellas do palacio um dos seus capellães, que acariciava de muito perto uma creadinha, chamou-o para dizer missa. O padre desculpou-se dizendo — que acabava de comer uma fructa. — « Ah! era por isso, disse Henrique IV, que eu vos vi sacudir a arvore, com tanta vivacidade!

Uma provinciana, franceza, escreveu a Mme. de Cornuel pedindo-lhe, com instancia, que lhe arranjasse um professor que tivesse taes e taes aptidões

e qualidades. Seguiu-se uma lista, que não acabava mais. Mino. de Cornuel respondeu:

« Senhora, tenho procurado por toda parte o professor nas condições que exigis.

Ainda o não encontrei, mas continuarei a buscal-o com ardor, e prometto-vos que logo que o encontrar... caso-me com elle.»

O respeitavel e reverendo conego X conversa com um rapaz. Poç um movimento machinal abre a caixa do rapé e oferece uma pitada ao seu interlocutor. Este:

— Obrigado; graças a Deus não tenho esse vicio.

— Ora, responde o conego sorrindo, o rapé não é vicio.

— Porque?

— Porque o Sr. não toma rapé.

Passava na rua do Ouvidor uma ex-horizonta pelo braço do marido.

— Conhece? perguntou alguém ao nosso collaborador Raul Pompeia.

— Conheço:— é a viúva do Publico...

No *Derby-Club*, uõ ensilhamento:

— *Dignitaire*, cores do jockey: preto, branco e encarnado. Deve ser aquelle.

— Não pode ser; aquelle só tem na vestimenta encarnado e branco. Falta a cor preta.

— Está na cara do jockey. Repara.

Effectivamente, o jockey era um crioulo.

BIBIANO.

ANTES DA MISSA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Manhã alegre como uma canção.

A symphonia da luz, triumphal, vibrante, sublime, voa no espaço— dentro em pouco o sol irá pelo azul acima, derrainando tons e sonoridades em toda a Natureza, que desperta. Voeja, douda de prazer, de um para outro lado, no alto, no solo, nos lyriaes selvagens, nos fétos luxuriantes da encosta, no velludo das montanhas— uma frescura doce e amenisante, suavissima nota d'essa musica matinal.

Foi-se a madrugada, foi-se o ennoivoamento do despontar da aurora. E' dia. Surge radiante, colorindo o immenso espaço, o sol, e derramam-se na atmosphera aromas idéneos, subtis e tonificantes emanações do matto, ebriantes exhalações de um mundo de floras. E' dia. Das sombras tibias do arvoredado ala-se a passarinhada garrula, movendo azas de uma pennugem tenra, e vae-se, vae-se para além, para longe, chilreando alegremente, volteando pelo ambiente luminoso.

Escorrem das folhas dos tinhorões, da ramagem vicejante, o orvalho em gottas, enchendo de rumor um isoladamente: tremem hastes delgadas, filamentos de hera, raminhos engoitados de velhos arbustos doentios, arruinados pela lepra do musgo. Ao desmoronamento do orvalho, ao ruido dos selxos imperceptiveis e das folhas pardas que tombaram da cabelleira das arvores, assustam-se insectos noctivagos, pyrilampas cansados, pequeninos devassos que vivem das trevas. A noite, um seculo para os infinitamente pequenos, deixou oceanos nas plantas. E agora todo esse mundo freme, torado de luz, todo esse universo brilha e apparece e desencanta-se ao despontar do dia que vem, não sei d'onde, alastrando-se pela vasta paysagom, desenhando nitidamente contornos asperos de troncos,

ennastradas delicadezas de ramos, fôfas e mysteriosas massas de folhagem.

Começa a faina. Na encruzilhada apparecem animacs chouteiros, trazendo sobre o dorso pendentes cangallias. A *madrinha*, timindo os guizos, trôta á vanguarda, e após seguem os da tropa, cabisbaixos, orclhas álerta, e andar de ancas derrêadas. Debaxo das patas da tropa ficou o chão coberto de cadaveres de activas formigas, que se iam em busca de novo local para uma babilonia de metro quadrado.

Borboletas— azul e ouro voltejam no ar, descem ás plantas, pousam de flor em flor, abaixam, levantam o vôo e fogem. A payzagem é mais vasta ainda; o céu, muito alto, tem a macieza luminosa do setim; e nas sinuosidades da planicie, perto de capoeirões viçosos, na frisa dos atalhos por aqui e por lá abertos, vêem-se telhados de vivendas, sapês de chôças, chamines que fumegam frouxamente.

Foi a esta hora que o padre Ricardo, o bom, o venerando vigario da aldêa, começou a se vestir para ir á matriz rezar a missa dominical.

As janellas do quarto, abertas para fora, deixavam-n'o admirar a feliz entrada da manhã. No jardim, em frente da casa, desabrochavam rosas purpúrinas e brancas; xixoras de meigo vermelho esbatido, begoneas esgaldadas e de um branco transparente, murteiros em flôr, enchiam o lugar de pequeninas moutas paradisiacas, perfumando o ar, sorrindo aos olhos d'elle, que ia reparando, attentamente, as suas bellas plantas, tão estimadas e tão vicejantes!

Ouvia-se o repicar festivo dos sinos da matriz. O eco cantava ao longe, poético e risonho, esmorecendo lá do outro lado, onde o céu se perdia e a terra parecia lndar. Uma cousa chama a attenção do reverendo— é um petiz que vai passando pelo caminho da *porteira*, em companhia de uma rapariga.

As perninhas do pequeno mal sustinham os seus passos. A rapariga interessava-se por elle, tomava-lhe a mãosinha, dizia-lhe alguma cousa suave; e elle, coitadito, todo abysmado na touca e na véstia de flanela, ia tropego, bulindo nas folhas que ficavam ao seu alcance.

O vigario sorriu, flectando o olhar nos dois.

Depois enfiou a sotaina, tomou da bengala de peroba com que firmava os seus passos, um pouco mais firmes que os do pequeno, e sahiu. Os sinos da matriz repicam festivamente.

Apenas o pequeno vio perto de si o corpanzil do reverendo Ricardo, começou a sorrir, estendendo-lhe os braciños. E do chão, quasi tão pequeno como as hervas, abria e fechava a bocca— uma rosa— querendo modular uma palavra. O padre tomou-o nos braços, levantou-o ao peito, chegando ao rosto d'aquella criança o seu rosto de velho. Brilha-lhe limpidamente nas faces, nos olhos, na bocca emmurcheda, o reflexo de uma intima alegria deliciosa. Sentou-o sobre o braço, afastando a cabeça, para ver-lhe bem a facesinha alegre, os olhos azues e luminosos, a boquinha macia e fresca. E o pequeno, irradiante, refestelado sobre o braço do reverendo, numa linguagem de anjo, deliciosa de graça e de suavidade musical, balbucialora, chamou-lhe— *vôvô!*

O reverendo beijou-o na bocca e disse-lhe adeus. Deixou-o em pé no chão, a moyer os dedos pequeninos e chapudos, sorrindo.

— Adeusinho, a leusinho!

Os sinos da matriz repicavam festivamente.

L. G. DUQUE-ESTRADA

CARNAVAL DA HISTORIA

FAUSTINA. — Contam-se duas impra-trizes d'este nome.

Provaram ambas nas possoas de seus augustos, que ha logar sobre a mesma cabeça para uma corôa e para mais alguma cousa.

FETICHISMO. — Alcinha de inimidade que as religiões dão umas ás outras.

FLEURY (Cardeal). — Preceptor de Luiz XV.

Se julgarmos a arvore pelo fructo...
FLORA. — Deusa que o Naturalismo substituiu por um empregado da casa Domange.

FLORIAN. — Já eram conhecidos os *dragões de virtude*. Este ex-official inventou o *dragão de sentimentalidade*.

Um rebuçado de altea cheio de fitas.

FONTANES. — Cortezão que fez do ministerio da instrucção o ministerio da Adulação publica.

Como se quer que as tradições de necedade não se percam em França, deram o seu nome a um Lyceu.

FONTENELLE. — Aquelle de todos os academicos que mais serios esforços fez para justificar o nome de *immortal*. Morreu de cem annos.

FOUCHÉ. — Lambia, conforme as circumstancias, a guilhotina ou as botas dos soberanos.

FRA-DIAVOLO. — Celebra bandido executado uma vez em Napojes pelo carasco e duas mil vezes por tbdas as orchestras da Europa.

A primeira d'estas execuções só a elle foi dolorosa. As seguintes foram-n'o muitas vezes para os espectadores.

FRANCO-MAÇONARIA. — Pedreiros que deyeriam chamar-se antes demolidores. Não é censura que lhes faço... Ao contrario.

FRANKLIN. — Ensinou os homens a livrarem-se da tyrannia e do raio. Não é culpa sua se a liberdade e o pára-raios não são mais conhecidos.

PIERRE VERON

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO A. PARREIRAS

O Sr. Antonio Parreiras, um dos mais trabalhadores discipulos de G. Grim, fez no dia 1º do corrente uma exposição das suas paizagens, no atelier Pacheco.

Nada menos de quinze quadros, e na maior parte — telas de grandes dimensões, foram expostos. Em primeiro logar, o que mais nos agrada, é o que tem por assumpto o antigo palacio imperial, em Petropolis. Esta paizagem, vasta e simples, está pintada com alguma energia e sinceridade: "Um velho casarão abandonado á força destruidora do tempo, domina uma extensão silenciosa, invadida pela hcrá que urde e ergue-se livremente do solo sem cultivo. Nas visinhanças, ao fundo copam-se um docel, pendem em franças, vegetaes de um verde ligeiramente esbranquiçado. E o casarão ao lado, com a sua frente avarandada, de columnas de pedra e cal, desbotadas pelo bater das chuvas, enfrenta com a natureza, mudo, estragado, ferido no reboco das paredes, nas antigas vidraças que per-

manecem fechadas, como um velho pcrvertido, andrajoso e leproso, contemplando a honesta tranquillidade de uma existencia feliz. O céu é alto, de um azul melancholico; nuvens brancas desgrenham-se lá por cima, vagarosas, em demanda do sul.

O segundo, classificado pela nossa impressão, é a *Ilha da Francisca* — um canto de ilha, sob nm céu vasto e pallido. Desenham-se vagamente no fundo proeminencias asperas e montanhas. Dentre os massigos de vegetação apparece o tecto de uma casinha de pescadores, don le se evolva, para o ambiente sereno, tenuc columna de fumo alvo. Em baixo, na costa arenosa em que ha durczas de pedras negras e musgosas, o mar move de vagar o dorso nu, de um puro colorido de céu limpo, ao cahir da tarde. No alto da costa, onde começam a vicejar plantas rasteiras, despontam orgulhosamente para o ar coqueiros esguios e recurvos, outros firmes e altivos, em moita, sustentando em grande altura folhas compridas e delgadas como pennas de um espadador.

Foram esses dois quadros os que mais directamente nos transmitiram a sinceridade, a fidelidade do artista. Não que a sua technica seja diferente em os outros; não é. A sua maneira de vêr e de fazer é a mesma em todos os trabalhos, mas, representando todas as obras expostas a mesma hora e tendo *quasi* o mesmo colorido, uma ou duas que sejam vistas retiram a impressão das que restam. Nada, absolutamente nada tenho que vêr com a escolha do assumpto, porque isto não entra na competencia da critica; e, posto que partidario convicto da necessidade de figuras na payzagem, não lhe perguntarei por qual razão deixa de animar os seus quadros. Questões d'este valor debatem-se em occasiões mais opportunas, e com espaço. O que tenho com o artista, e o que posso lhe perguntar é por que motivo include em uma exposição de quinze quadros, obras de uma tonalidade uniforme? E' que da'hi resulta uma desvantagem — pequena importancia offerecida pela exposição.

Para o individuo que vai comprar um quadro, ou notar o que mais lhe agrada para depois fazer preço de compra, esse defeito é infimo; porém para aquelles que vão admirar as obras d'arte de um artista na multipla manifestação do seu talento, e avaliar das condições em que esse artista se acha para interpretar com fidelidade a natureza, em todos os seus aspectos, esse defeito é grande e reprovavel. Concorde que o artista ame e adore a luz de uma determinada hora do dia; Corot tinha predilecção pelas madrugadas nevontas; mas com o que me não posso conformar é com esse colorido que ahi vejo esbranquiçado, fraco, anemico e indigno da proverbial pujança da vegetação brasileira.

Pondo de parte o colorido—os quadros de Antonio Parreiras podem ser considerados felizes manifestações de um principiante, e principiante que tem talento.

A maneira de fazer o arabesco, de enche-lo, de distribuir as manchas, de contornar as massas, é, vê-se bem, de G. Grimm, o mestre. Falta-lhe, porém, o vigor, a certeza, a solidez brusca do professor allemão; entretanto quem faz assim em principio melhor fará mais tarde.

L' esperar.

ALFREDO PALHETA.

DUPLA AURORA

A noite expira. Em tintas purpurinas
Os dia rompe. Na azulada umbella
Os astros morrem tremulos... E ella
Me diz, voltando as humidas retinas

Para mim, para o alto das collinas:
—Olha a aurora que nasce, como é bella!
Rembrindt desenha nesta immensa teta,
Seu pincel entre as nuvens matutinas

Corre, as coccineas cores espargiudo,
E o céu e os montes rapido color!!!
Mas para mim, que a estava, absorto, ouvindo,

Preso, embalado em sua voz, ness'hora,
Dos seus olhos no fundo céu, luzindo,
Maior, mais bella despontava a aurora!
1884.

BERNARDO DE OLIVEIRA

GAZETILHA LITTERARIA

O applaudido poeta Jorge Rodrigues, que se retirára para o Espirito Santo em busca de melhoras á sua saúde, sériamente compromettida, vae fazer imprimir nas excellentes officinas d'A Provincia, o seu segundo volume de versos: — « *Manhans d'Estio.* »
Esperamol-o com anciedade.

Já foi publicado o livro de versos de João Saraiva, *Serenatas*, de que demos em o nosso n. 35 um bello soneto — *Mors sancta*. Esperamos poder occupar-nos proximo com esse livro, trasladando d'elle alguns versos.

Brevemente virão á luz em Portugal dois livros de dois jovens poetas: — um é o da nossa collaboradora Albertina Paraiso, o outro de Alberto Brandão. Publicaremos alguns versos d'elles, até hoje inéditos. Também está prestes a apparecer uma segunda edição da *Lyra Intima*, de Joaquim de Araujo.

SPORT

Não podemos dar hoje noticia desenvolvida acerca das corridas realizadas ante-hontem no Prado Villa Isabel, por indisposição do nosso collaborador effectivo, L. M. Bastos, encarregado d'esta seccão.

Ainda assim, diremos aos nossos leitores, em resumo, o resultado das corridas:

1º Pareo — Em 1º logar *Zair.e* — Poule 15\$800.

2º Pareo — Em 1º logar *Judia* — Em 2º *Plutus*. — Poule, 181\$600!

3º Pareo. — Ganhou *Dr. Jenner*, dan lo o rateio de 80\$000 !!

4º Pareo. — Chegou *Aymoré* em 1º logar, dan lo a poule 14\$100.

5º Pareo. — Venceu *Satan*, rateiando 515\$300 !!!

6º Pareo. — Não se realisou por não se terem apresentado os animaes para elle inscriptos.

7º Pareo — Em 1º logar chegou *Mandarin*. Em 2º *Douro*. Poule 140\$000 !!!

Os certeiros perderam que se regalaram. Venceu, como nas ultimas do Derby, o deus Azar. E' jogar ás cegas, *pradistas!*

Amanhã realiza o Jockey Club as

grandes corridas que têm sido transferidas por diversos motivos. Interessantissimo o terceiro pareo. Não será, pois, para admirar que o elegante prado reuna amanhã tudo o que ha de mais distincto no sport fluminense. Bons palpites e melhor resultado é o que desejamos aos amadores que consultarem a nossa 8ª pagina do hoje. Apeguem-se com Santo Acaso.

Não se esqueçam os nossos leitores de que no Club Athletico Fluminense haverá bellas corridas no proximo dia 20. Têm elementos magnificos para attrahir uma enorme concurrencia.

THEATROS

SARAH BERNHARDT

No 3. Pedro, a *troupe* Sarah Bernhardt dá-nos hoje um espectáculo variado e interessantissimo: — 2º e 3º actos de *Frou-Frou* — um dos melhores papeis de Sarah; — o drama em 1 acto, em verso, de André Theuriot — *Jean Marie*; e a deliciosa comedia em 1 acto, em verso, de François Coppée — *Le passant*.

A companhia parte para S. Paulo, interrompendo por agora as recitas do assignatura, que na volta completará com a *Theodora* e *Le maitre de forges*.

Nesta semana tivemos no Recreio A *estatu de carne*, fazendo a Sra. Paladini os papeis de Maria e Noemia Keller. A peça é bem conhecida do nosso publico que a aprecia não sabemos por que. Não chega a ser um drama e como comedia é apenas irrisoria. O conde Santa Rosa e um imbecil acabado e os outros personagens são ainda mais parvos do que elle. E' um pouco mais verdadeiro o papel de Noemia, e nelle, representado em italiano, provou a Sra. Paladini o seu merito, muito prejudicado sempre que representa em portuguez.

Em todo caso, foi uma triste idéia a da mistura das linguas. Isto faz-se quando não ha outro recurso; mas quando o artista não precisa appellar para essa calamidade, quando mesmo annuncia que para outra vez não appellará — é imperdoavel.

Como, porém, é notavel o trabalho da Sra. Paladini, devemos suppor que a *Estatua de carne* ainda leve gente ao Recreio, ou antes — ao Lucinda, que é para onde vae trabalhar a companhia Dias Braga.

No Recreio Dramatico, por não ter podido obter o S. Pedro, estreia hoje a excellente companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa.

A grande reputação, tantas vezes apregoadada da companhia portugueza determinou, uma desusada anciedade da parte do nosso publico de constatar o merecimento dos artistas da primeira scena de Portugal.

Os nomes de Virginia, de João e Augusto Rosa são ha muito conhecidos no Brazil, onde tem chegado a fama dos seus grandes triumphos. Além d'estes nomes ha na companhia outros de artistas já nossos conhecidos, como Silva Pereira, Baptista Machado, Ferreira e Carolina Falco.

A estreia é com *A Estrangeira*, peça em 5 actos, de Dumas Filho.

COMPANHIA LYRICA ITALIANA

Esta companhia, recommendada por um relativo successo, estreou-se hou-

tem no Pedro II com a *Aida*, a famosa opera de Verdi.

A hora em que escrevemos, depois do terceiro acto, não nos permite alongar-nos. Diremos apenas da impressão produzida no publico pelos artistas: — por enquanto quem tem francamente agradado, e com justiça, é a Sra. N. Bulicioff, que em uma voz potente, fresca e bem timbrada. A Sra. Medea Mey, comquanto não tenha desagrado, não tem tido applausos francos.

O tenor Caglioni, que substituiu Bertini, teve algumas palmas no primeiro acto, na *Celeste Aida*; d'ahi por diante não tem agradado; a sua voz é fraca e o canto pouco expressivo. No final do primeiro quadro Bulicioff muito applaudida. O primeiro terminou friamente, sem uma palma.

No segundo acto Medea conseguiu alguns applausos no ducto com Bulicioff, mas o successo, ainda quo pequeno, foi d'esta. No quintetto do 2º quadro Bulicioff foi muito applaudida; o final foi vibrante e expressivo. No fim d'este acto houve algumas palmas, poucas, que foram abafadas pelos *scius* da galeria. Coros, regulares; Corpo de baile, mau. Muito bons scenarios.

Orchestra magnifica, regida por L. Miguez, que foi recebido por uma salva de palmas. Theatro quasi cheio. Publico muito reservado. Discute-se muito Medea Mey. Baritono Zardo e baixos Limonta e Rovori, não agradaram.

No terceiro acto a galeria deu alguns signaes de despreço a Caglioni. Zardo e Bulicioff muitissimo applaudidos no final. Bulicioff cantou deliciosamente, com muito sentimento, a aria *O' patria mia*. E' uma cantora distinctissima; tem uma voz bellissima e canta com muita arte. Agradou o terceiro acto.

Espera-se que Medea se rehabilite no quarto acto do meiu desastre dos anteriores.

P. TALMA

FACTOS E NOTICIAS

O Sr. Balthazar de Sá Carvalho e sua senhora D. Julia de Sá Carvalho deram na casa de sua residencia, na noite de 20 do corrente, uma esplendida *soirée* para festejar o casamento de sua enteada e filha D. Albertina Corrêa de Mattos Vellozo com o Sr. Arthur Higgins e tambem o baptisado da menina Laura, irman da noiva.

Foi servida uma profusa ceia, a que não faltaram brindes entusiasticos, e dansou-se anima lissimamente até ao amanhecer. Toda a familia foi de inexcusavel gentileza para com os convidados, que eram em grande numero.

O nosso estimado collaborador Dr. Luiz Murat fez offerecimento ao nosso commum e desditoso amigo Siivestre de Lima dos seus serviços profissionaes afim de produzir a sua defeza no processo a que terá de responder como co-auctor do lamentavel delicto que tanto tem compungido os seus affeccionados como quantos o conheceram.

Honra esse acto sobremaneira os sentimentos do joven advogado, que a um dever de amizade promptamente sacrificatudo sem desgosto nem constrangimento.

Chegou da Europa, com sua Exma. esposa, no dia 23 do corrente o Sr. Elycio Mendes, co-proprietario da *Gazeta de Noticias*, após uma ausencia de quatro annos.

Estão hospedados em casa do Sr. Dr. Ferreira de Araujo, onde residirão enquanto não montarem casa. Comprientalmol-os.

Está gravemente enfermo o Sr. Angelo Fernandes de Souza, pae do nosso companheiro Alfredo de Souza.
 E' de coração que lhe desejamos promptas melhoras.

CORREIO

— Sr. Dr. E. F. M. Com que temos um douto pela proa, hein? Perfeitamente. O que lraz S. S. ? Ah! bem vejo, é uma poesia. Vem-lhe-a. Chi! mas está tão aleijadinha! Ora o Sr. assigna-se como doutor; muito bem. Se o é em medicina, devia applicar um caustico de metrillcação na paralytia do seu orificio, e dar-lhe em seguida as pastilhas do Dr. Bom-Senso que, talvez assim pudessem apparecer. Se é formado em direito não tem razão de formar cousas tortas. Já vé que... Bemalé a mal! isto de pombas, e logo aos parás; e tristes e gemedoras ainda por contrapeso, é uma coisa tão melancolisante, meu querido Sr. doutor, que até nem lhe digo nada. Sabe de uma cousa? As suas pombas estão mais pedindo a pannela que publicação. Olhe: quer um conselho? Quando tiver pombas, em vez de mettel-as na gaiola da redondilla, coma-as com arroz que tira melhor proveito. Sou um seu criado.

— Sr. José Bernardo dos Santos Leal. Pelo dedo se conhece o gigante, assim como se conhece pelos olhos quem tem lombrigas. Não se fazia preciso o Sr. declarar em sua carta, porque, sendo ella vista mesmo por um oculo, a meia legua de distancia, a gente ficaria conhecendo que o Sr. é realmente « novel nas lidas litterarias », com um só; nas que tem 2 tt, então não falemos! Não vá o Sr. ter ficado com o tal t, subtrahido ao adjectivo — litterarias, na altura da fronte inspirada. E' coisa tão vulgar! Olhe, meu bom amigo: só na sua carta, composta de 95 palavras, o Sr. errou, sabe quant s vezes? 95 multiplicadas por 4, ou sejam 380 vezes. Já é alguma coisa. Cada palavra, portanto, empregada pelo Sr. nada mais é que um vi-vi-ro contendo 4 bem nutridos bicharocos. Um prodigio! O Sr. escreveu cousas assim: oado, sonneto (horresco!), cujoito (virgem santissima!), apreciação (quem me acode!), pródigo (credo em cruz!), tão bem hardé (São Bento, meu santinho!), espiração (valham-me as onze mil virgens!), a de ter (agnus Dei qui tollis peccata mundi, miserere nobis!) corrige (ui!!!...), publicar (ai! não posso mais! estou morto!). Se eu possuísse por ahí a herocidade de Napoleão o grande, sempre me animava a pegar no seu sonneto (!), mas, não a tendo, deixo-o no tinteiro.

— Sr. A. do O. Não é de admirar que tenhamos um trovador do O, desde que possuímos também uma Nossa Senhora do mesmo lugar ou antes da mesma vogal. E' que este Sr. é do mesmo O da senhora, salvo s. ja. — Foi-se, eis o titulo do... (aposto que os leitores já sabem o que é)... soneto do Sr. da referida letra. Isti: foi-se é o mesmo que dizer escofedeu-se, abriu pannos, bateu o arco, paz-se na pyra, deu ás de Villa Diogo, azulou, abriu o chambre, etc.

Agora o m:olo:

« Que puro amor!... Uma loucura
 « Aquillo que eu ledo amamentara! »

Al! que no fim de contas o homem me sne ama de leite. Ora bolas! Ou bem que se seja Honero ou bem que se seja Anna Thereza. Que Maria Francisca emballe o Janico e deixe-se de mexer na lyra de Filinto Elysio. Desmame a sua loucura e depois venha falar-nos.

ENRICO

RECEBEMOS

— Dos Srs. H. Nicoud & C. os pontualissimos agentes de jornaes, *La Revue Bleue*, n. 21 (26 de maio) Traz, entre outros, um interessantissimo artigo: « Deux grands poètes ennemis: V. Hugo e Racine » por Paulo Stapfer.

— Da Agencia Commercial Portuguez: os fasciculos de n. 7 a 12 d'Os heróes do trabalho, maguilca obra de Gastão Tissandier, traducção do Ricardo Jorge. Cada fasciculo traz uma boa gravura sobre madeira. E' muito recomenavel esta obra.

— A Restauração de Portugal, opusculo historico, publicado sob os auspicios da Com-

missão Central Primeiro de Dezembro de 1649 e dirigido por L. A. Palmeirini. E' collaborado por muitos dos mais illustres e populares escriptores portuguezes, e, na parte artistica, pelos afamados desenhistas e gravadores Caetano Alberto e Manoel de Macedo. E' editado a empreza do *Occidente*. Entre as gravuras, quasi todas cópias de outras da epocha da Restauração, destaca-se um bello e grande retrato de D. João IV. A impressão é luxuosa e de muito gosto.

Ao Sr. Visconde Sanches de Baena, um dos collaboradores do Opusculo, agradecemos penhoradamente a offerta que de um exemplar nos fez.

— *Fabulas de Lafontaine*. 1.º e 2.º fasciculos. Illustrações de Gustavo Dofé. Traz tres fabulas o 1.º fasciculo; *A cigarrá e u formiga*, *O lobo e o cão* e *O velho e a morte*, sendo a primeira traducção de Bocage, a segunda de Francisco Palma e a terceira de Couto Guerreiro. E' editor d'esta importantissima obra, dirigida em Pariz por E. Garrido e M. Pina, o Sr. David Corazzi, director e representante no Brazil José de Mello.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 31 com um bello chromo.

— *O Mequetrefe*— Como sempre, com bons desenhos e excellente texto.

— *O Equador*— Revista no formato d'A Semana; publica-se no Recife.

— *Tribuna Academica*— Periodico de oito paginas, tal como a Semana; publica-se tambem no Recife.

— *Revista do Imperial Observatorio*,— n. 6 Traz um bem elaborado artigo do erudito Sr. L. Cruls, sobre o terremoto de 9 de Maio.

— *A Mãe de familia*, n. 10.

— *Os crimes de um marquez*— Romance do Sr. João Samuel.

— *Embryões*— Volume de versos do Sr. Dias Barreto. Abre com estes dois hendecasyllabos de Lucio de Mendonça:

« Eu da gloria nas coróas não áspiro.
 Ide, pillinas ñores peregrinas. »

A secção *Correio Litterario* dá a respeito.

— *Amuletos*— Poesias do Sr. Samuel Martins. Daremos opinião proxinamente.

— *O Sul de S. Paulo*— Obra de mérito, devida á penna do Dr. Jaguaribe Filho.

— *O macho e a fema*— Fasciculo n. 128 da «Bibliotheca do Povo e das Escolas».

— *Mimosa*— Polka para piano, composição do Sr. Faustino Guimarães.

— Ita « Agencia portugueza » de Lourenço M. de Almeida: *Othelo*, o mouro de Veneza, de W. Shakespeare, traducção de D. Luiz de Bragança esboço de critica por Camillo C. Branco, e *German*, drama em 5 actos, em verso, por Abel Accacio. Ambas estas obras foram editadas pela « Livraria Civilização », de Eduardo da Costa Santos (Porto.)

— *A Estação*, numero correspondente a 15 do corrente. Variados e magníficos figurinos, numerosos moldes, excellentes informações sobre modas. No supplemento illustrado Machado de Assis enceta a publicação de *Quincas Borba*, romance em continuação ás *Memorias postumas de Braz Cubas*, a obra prima do pri-

meiro dos nossos actuaes homens de letras.

— *A Illustração*, n. 9 do 3.º volume. Traz na primeira pagina um bonito retrato de S. A. R. o principe D. Carlos, o casadinho de fresco e uma admiravel grande gravura de Baudouin do retrato que da encantadora principia Izabel de Orleans, irman da noiva, fez o grande pintor Chap'in. Texto variadissimo.

— Dos Srs. H. Nicoud & C., *Revue Politique et Litteraire* n. 22, *Le Printemps* n. 11. Sempre pontual a casa *Au Petit Journal*.

— *Revista de engenharia* n. 139.

— *Revista popular* n. 20 — Bahia.

— *Equador* n. 5 — Recife.

— *Tribuna academica* n. 5 — Recife.

— *União medica*, fasc. 5, anno VI.

— *Pronincianas*— Poesias por Bernardo Taveira Junior. Rio Grande do Sul.

— *Faisca*— N. 14, anno 1.º — Semanario illustrado que se publica no Rio Grande do Sul.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theroza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Cafe Oriente**, da fabrica a vapor d Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

CLUB
ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6
GRANDE FESTA EM 29 DO CORRENTE

ÁS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Corridas a pé e em velocipedes
EXERCICIOS GYMNASTICOS

Tocarà a excellente banda do Corpo Policial de Nictheroy

ENTRADA GERAL 1\$. -- ARCHIBANCADA 2\$.

A VISO

Os senhores socios terão entrada com o recibo d'este mez. O primeiro pareo principiará impreterivelmente ás 11 1/2 em ponto.

ALBERTO WELLSCH— 1º Secretario.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1886

GRANDES PREMIOS--YPIRANGA E CRITERIUM

1º pareo—(às 12 horas)—MAJOR SUCKOW— Animacs nacionaes de meio sangue— Distancia 1,800 metros—Premios: ao primeiro 1:000\$: ao segundo 300\$ e 150\$ ao terceiro—Inscrição 50\$

N ^o	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Nicoafy.....	Castanho....	3 annos	Paraná.....	50 kilos	Azul e branco.....	J. & P.
2	Paulicéa.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	43 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
3	Regalia.....	Vermelho....	5 »	Idem.....	52 »	Branco encarnado e facha..	Mario de Oliveira.
4	Boyardo.....	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Idem e estrellas azues....	Coud. Guanabara.
5	Baiocco.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Idem e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Guanaco.....	Alazão tost..	7 »	Idem.....	51 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga

2º pareo—(às 12 e 3/4 horas)—GUANABARA— Animacs nacionaes de 3 annos e mais— Distancia 2.000 metros—Premios: ao primeiro 1:500\$ ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$—Inscrição 75\$.

1	Sylvia II.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Boreas.....	Castanho....	4 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	56 »	Verde e ouro.....	José Guimarães.
4	Guanaco.....	Alazão tost..	7 »	Paraná.....	51 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga

3º pareo—(à 1 1/2 hora)—GRANDE YPIRANGA— Animacs nacionaes de 3 annos— Distancia 2.000 metros—Premios: ao primeiro 2:000\$: ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$—Inscrição 100\$.

1	Diva.....	Alazão.....	3 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Druid.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Aurora.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Sybilha.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

4º pareo—(às 2 1/4 horas)—GRANDE CRITERIUM—Poldros e poldras nacinaes de 2 annos— Distancia 1,609 metros—Premios: ao primeiro 1:500\$: ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$—Inscrição 75\$.

1	Dandy.....	Vermelho....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Verde e amarello.....	F. Vianna.
2	Plutão II.....	Douradilho..	2 »	Idem.....	48 »	Velludo azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
3	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	A.
4	Monitor.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	48 »	Azul branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Condor.....	Idem.....	2 »	Idem.....	48 »	Idem.....	Idem.
6	Tamoyo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

5º pareo—(às 3 horas)—JOCKEY-CLUB—Animacs de todos os paizes e idades—Distancia 2,500 metros—Premios: 2:000\$ ao primeiro; ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$—Inscrição 150\$ e 75\$

1	Fanfaron.....	Alazão.....	4 annos	França.....	50 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Plutão.....	Idem.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Comtesse d'Olonne...	Idem.....	5 »	Idem.....	53 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.

6º pareo—(A's 3 3/4 horas)—DEZESSEIS DE JULHO— Animacs do qualquer paiz até 3 annos— Distancia 1,450 metros—Premios: ao primeiro 800\$: ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$—Inscrição 50\$ e 25\$.

1	Dignitaire.....	Alazão.....	3 annos	França.....	50 kilos	Preto, branco e encarnado.	Coud. Paraizo.
2	Satan.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Grénat e boné ouro.....	Arthur de Aguiar.
3	Victoria.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Vermelho.....	B. B.
4	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Scylla.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
6	Frou-Frou.....	Zaino.....	2 »	França.....	46 »	Havana e branco.....	Idem.

OBSERVAÇÕES—Os animacs inscriptos para o 1º pareo devem achar-se no ensilhamento às 11 horas em ponto.

Os animacs quo pela primeira vez correm no Prado Fluminense, tem de ser examinados pela respectiva comissão, segundo determina o codigo de corridas, e devem se achar no ensilhamento às 10 1/2 horas.

Os bilhetes distribuidos e vendidos para a corrida de 13 do corrente dão entrada nesta corrida.